



Além da arquitetura e da cidade, o lugar único

***Además de la arquitectura y la ciudad,
el lugar unico***

***Besides the architecture and the city,
the unique place***

Betty Mirocznik

*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade
de São Paulo, São Paulo, Brasil. Betty.arq.18@gmail.com*

Resumo

Problematiza-se aqui, a relação homem-espço como ferramenta para a experimentação e transformação do que era originalmente um espaço estranho num lugar de empatia e identidade. Para tanto, serão utilizados conceitos da fenomenologia pautados em Martin Heidegger, Christian Norberg-Schulz e Gernot Böhme, somados à análise do projeto do sítio arqueológico *Shelters for Roman*, do arquiteto Peter Zumthor.

Palavras-Chave: Arquitetura. Cidade. Fenomenologia. Atmosfera. Peter Zumthor. Martin Heidegger. Christian Norberg-Schulz.

Resumen

La problematización aquí es la relación hombre-espacio como una herramienta para la experimentación y transformación de lo que originalmente era un espacio extraño en un lugar de empatía e identidad. Para esto, se utilizarán conceptos de fenomenología basados en Martin Heidegger, Christian Norberg-Schulz y Gernot Böhme, junto con el análisis del diseño del sitio arqueológico *Shelters for Roman*, del arquitecto Peter Zumthor.

Palavras-Clave: Arquitectura. Ciudad. Fenomenología. Ambiente. Peter Zumthor. Martin Heidegger. Christian Norberg-Schulz.

Abstract

The issue reflects the relationship man-space as a tool for the experimentation and transformation of what was originally a strange space into a place of empathy and identity. Therefore, concepts of phenomenology based on Martin Heidegger, Christian Norberg-Schulz and Gernot Böhme will be used, beside the analyse's design of archeological site *Shelters for Roman*, by architect Peter Zumthor.

Keywords: Architecture. City. Phenomenology. Atmosphere. Peter Zumthor. Martin Heidegger. Christian Norberg-Schulz.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema central a análise da relação homem-espaço¹ com vista na experimentação única do sujeito sensível e seu entorno, que nos dá a sensação de pertencimento e de transformação do que era originalmente um espaço alheio em um lugar de identidade e sintonia. Para abarcar essa reflexão, serão utilizados alguns conceitos de Martin Heidegger, Christian Norberg-Schulz e Gernot Böhme sob a perspectiva da fenomenologia. Para esses pensadores, a experimentação do espaço é mediada pela consciência corporal obtida a partir de nosso encontro com as coisas - a tectônica, os materiais, a topografia, a tipologia e a população local. Nesse ponto, salienta-se a priorização da experiência e a sensação de se estar em um lugar único que incorpore o *genius loci* (o espírito do lugar). Acrescenta-se à essa chave a reflexão relacionada à apreensão psíquica do projeto arquitetônico e urbanístico a partir do conceito de atmosfera definido pelo filósofo alemão Gernot Böhme - em referência explícita a Heidegger - como

¹ Este artigo está relacionado à dissertação de mestrado desenvolvida na área de concentração em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo da FAU USP, orientada pelo Prof. Dr. Guilherme Wisnik.

um espaço sintonizado com um conjunto de elementos indefinidos e espacialmente distribuídos. Isso se dá por meio da correlação entre uma presença emissora e a percepção física do sujeito. Soma-se à essa narrativa, a análise do projeto do sítio arqueológico *Shelters for Roman*, do arquiteto suíço Peter Zumthor, por lá serem encontrados vários dos temas trabalhados por esses filósofos e pelo próprio arquiteto. Para efeito de reflexão, sempre que nos debruçarmos sobre o tema da arquitetura estaremos também, embora de forma indireta, abordando as cidades.

ATMOSFERAS ARQUITETÔNICAS E URBANAS

A sociedade contemporânea compartilha a uniformização do gosto, ou falta dele, no sentido em que o gosto tem vínculo com o território, a paisagem, o site e as características do lugar, temas pouco valorizados em nossas produções arquitetônicas. O que se obtém da observação da dinâmica de nossos dias é que vivenciamos um modelo de globalização regido pelo consumismo, pelo imediatismo, pela atemporalidade e pela lógica do capital financeiro. Esse mecanismo impossibilita que cada um abarque a paisagem, como um todo, em torno do qual construiremos o nosso discurso e um lugar que nos seja singular.

A arquitetura e o urbanismo também são impactados por essa realidade ao dar protagonismo excessivo à dimensão da visão, impondo uma espécie de ditadura do olhar que produz, muitas vezes, edifícios de formas escultóricas e exuberantes, que não dialogam com as populações locais, e não levam em conta as características materiais e tectônica do próprio lugar onde serão implantados – a chamada arquitetura de estilo global. Como define o crítico e teórico norte-americano Fredric Jameson,

A globalização é uma espécie de ciberespaço em que o capital (dinheiro) chegou ao seu final na desmaterialização, como as mensagens que passam instantaneamente a partir de um ponto nodal a outro pelo antigo globo, antigo mundo matéria. (Jameson, 1998, p.154).

Essa arquitetura e urbanismo midiáticos se transformam em imagens, operando a estetização e a celebração do superficial ao desenhar museus, estádios e aeroportos, entre outros edifícios, que produzem valor em si mesmos por sua dimensão espetacular, atuando apenas como vetor promocional para gerar lucro.

A prática dessas grandes obras é regida pela lógica da performance, no sentido artístico do termo, resultando em um consumo estético de um capitalismo artista. Entende-se por capitalismo artista um estado de ordem econômica liberal que investe cada vez mais nas indústrias de criação, com o intuito de colocar no mercado uma multidão de produtos e serviços de consumo, de bens que proporcionem prazer, distração e experiências emocionais. Como afirmam Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, O capitalismo artista forjou uma economia emocional de sedução assim como um consumidor louco por novidades permanentes [...]. (Lipovetsky e Serroy, 2014, p.49).

Cidades como Dubai, Abu Dhabi, Pequim e muitas outras são exemplos dessa narrativa. Em meio a um mundo de cidades globais, muitas metrópoles competem entre si pela duvidosa honra de possuir o edifício mais alto do mundo, ou o museu mais midiático que se puder construir, prática sintomática de nossa sociedade do espetáculo, como descrita em obra seminal do pensador francês Guy Debord. (Debord, 1997).

É fato que o pensamento visual esteve sempre presente no trabalho dos arquitetos e urbanistas. Até o início da modernidade, a arquitetura aspirou expressar a ordem do mundo tomando a proporção como analogia da ordem cósmica. Os edifícios eram entendidos como instrumentos de mediação entre o cosmo e os homens, entre os deuses e os mortais, entre o passado e o futuro. Contudo, desde as produções modernas até os tempos atuais, os edifícios vêm perdendo a sua relevância metafísica e cósmica, ao mesmo tempo que a arquitetura vem se transformando em fonte matricial na criação de imagens. (Pallasmaa, Alvarado, 2009).

É certo que os projetos arquitetônicos contemplam o conceito vitruviano da venustas, associado à beleza e à apreciação estética. No entanto, a arquitetura também implica na construção de espaços, na relação com o sítio, com a

paisagem e com a tectônica empregada. E, além disso, essa prática acontece não apenas por meio de elementos construtivos que delimitam o espaço, mas também, como definido pelo arquiteto e historiador italiano Bruno Zevi em seu livro *Saber ver Arquitetura*, por meio do vazio, do espaço que não pode ser representado e reconhecido a não ser pela experiência direta do indivíduo. (Zevi, 2000).

Para explicitar a sua leitura, Zevi faz uso de uma citação de Frank Lloyd Wright,

Declaro que chegou a hora para a arquitetura reconhecer a sua natureza, compreender que deriva da vida e tem como objetivo a vida como hoje a vivemos, de ser, portanto uma coisa inteiramente humana. Se vivermos com personalidade e beleza, a arquitetura torna-se a necessária interpretação da nossa vida (...). Sim, a interpretação da vida: esta é a verdadeira tarefa da arquitetura, pois os edifícios são feitos para se viver neles, para se viver neles com felicidade, são construídos para acrescentar o prazer de viver. (Wright in Zevi, 1978, p.426).

Uma das abordagens escolhidas para tratar desses paradigmas é a fenomenologia. O pensamento fenomenológico pode ser entendido a partir da problematização da relação homem-espaço proposta pelo filósofo alemão Martin Heidegger no livro *Ser e tempo* (1927). O que nos interessa aqui é a análise a respeito da nossa capacidade de habitar como reflexão da relação entre o homem e o espaço. Para Heidegger, a compreensão objetiva do espaço pressupõe a experiência reflexiva de cada um com o seu próprio ser, como uma construção mental que organiza os espaços a partir da matéria.

A teoria arquitetônica recente aproximou-se da reflexão filosófica ao problematizar a interação do corpo humano com o seu ambiente. Sensações visuais, táteis, olfativas e auditivas constituem a parte visceral da apreensão da arquitetura, um veículo que se distingue por sua presença tridimensional. (Nesbitt, 2008, p.31).

À essa leitura somam-se os conceitos defendidos pelo arquiteto e pensador da arquitetura norueguês Christian Norberg-Schulz em seu livro *Existence, Space and Architecture* (Existência, Espaço e Arquitetura) ao problematizar o espaço como dimensão da existência humana. Para Schulz, o interesse do homem pelo espaço tem raízes existenciais decorrentes de sua necessidade em compreender e dar significado às relações com o entorno, orientando-se de

forma cognitiva e afetiva, visando estabelecer um equilíbrio dinâmico com o espaço que o cerca. (Nesbitt, 2008).

Sob tais pontos de vista, coloca-se como reflexão fundamental o conceito da atmosfera, frequentemente descrita como um sentimento ou humor associado a um lugar, pessoa ou coisa em particular. Com referência explícita a Heidegger, o filósofo alemão Gernot Böhme, em seu ensaio *Atmosphäre* (Atmosfera), define a atmosfera como um espaço sintonizado com um conjunto de estados indefinidos, espacialmente distribuídos.

Böhme se refere à atmosfera como a emergência das coisas, a interdependência entre a percepção física de uma presença emissora - objeto, e a realização da presença física do eu observador – e o sujeito. Com a ajuda da teoria da fenomenologia e da comunicação, a estética pode transcender a relação com a obra de arte e a questão do julgamento racional do gosto (Kant), no sentido de desenvolver uma percepção integral da nossa presença física, sempre envolta numa troca contínua de energias com o ambiente circundante - é por ele denominada como atmosfera. (Fischer, 2007, p.38, nossa tradução).

O argumento central de Böhme é o de que a ideia de atmosfera não se refere a alguma característica espiritual, e sim a algo produzido por nós.

Para Böhme, a experiência de ambientes sinestésicos e imersivos não exclui uma postura reflexiva e crítica, pelo contrário, a consciência da corporeidade e consciência da percepção humana são os alicerces da inteligência, da maturidade e de um acesso estético à realidade - abrindo o efeito emancipador da arte e da arquitetura. (Fischer, 2007, p.38, nossa tradução).

É claro que toda e qualquer edificação tem o caráter vitruviano da firmitas – construção firme e bem estruturada -, mas existem aquelas que problematizam questões como as inter-relações entre o edifício, a cidade, o uso e o corpo do usuário em sentido amplo, onde a dimensão sensorial se somam a psicológica e a cultural. Nessa perspectiva, a arquitetura fortaleceria o entendimento do real, ao fundir o nosso sentido de identidade com a experiência de estar e ser no mundo.

O presente texto propõe a reflexão sobre o projeto do sítio arqueológico *Shelters for Romain* (1986) do arquiteto suíço Peter Zumthor, por entender

que nesse projeto encontram-se vários dos conceitos defendidos pelo arquiteto, um dos principais representantes da corrente que opera em sentido contrário à submissão irrestrita da arquitetura aos ditames do mercado de imagens e a doutrina do lote urbano. Suas reflexões e estratégias visam construir edifícios que evitem o desperdício de materiais e a repetição de formas tão frequentes nos projetos contemporâneos. Seu trabalho é voltado principalmente ao entendimento da obra como um lugar específico.

PETER ZUMTHOR

Com base formativa em marcenaria, Peter Zumthor ingressou em 1968 no Departamento de Manutenção e Preservação de Monumentos do Cantão de Graubünden, na Suíça, onde desenvolveu pesquisas em técnicas construtivas e novos materiais aplicáveis não somente ao patrimônio histórico, mas também a novos edifícios. Em 1979 iniciou uma carreira autônoma, e, em 1985 abriu o próprio escritório, na pequena aldeia de Haldenstein, próxima à cidade de Chur, nos Alpes suíços.

O arquiteto, em suas várias produções e reflexões, sugere uma leitura espontânea, emocional e não intelectual do espaço, visando estabelecer uma relação de identidade com a paisagem em que o projeto será implantado, prática que vai muito além da forma e da função do edifício. Discute o conceito da construção do lugar a partir da materialidade, de nossas memórias e percepções. Nessa perspectiva o indivíduo opera como figura central na construção do espaço como um lugar singular. É a partir das suas percepções, memórias e sensações em relação à obra e experiência com o entorno que se estabelece uma dinâmica que não se esgota a priori.

Na sequência, o protagonismo do edifício é usado como ponto de partida para o debate da experimentação e da relação entre o indivíduo e a realidade espaço temporal em que está situado.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO *SHELTERS FOR ROMAN*

Chur, capital do Cantão dos Grisões, é a cidade mais antiga da Suíça, com cerca de 5.000 anos de existência. O primeiro assentamento encontrado no local remete a 3.500 anos a.C. Em 15 a.C. o Império Romano conquistou a vila e a designou como Chur (*Cúria Raetorum*), transformando-a na capital da nova província romana de Cúria. Sua localização, à margem direita do Rio Reno, era estratégica pois por lá transitavam as maiores rotas vindas dos Alpes, e que posteriormente continuavam ao longo do rio. Os romanos ocuparam a área que atualmente é chamada de *Welschdorfli*, próxima ao centro histórico da cidade.

Em 1985 o escritório de Peter Zumthor foi contratado para projetar uma intervenção arquitetônica que tinha como programa a preservação do sítio arqueológico e a construção de um museu. Pouco se sabe sobre Chur nos tempos romanos, no entanto, presume-se que essas ruínas sejam remanescentes de duas estruturas comerciais existentes à época. O projeto propôs três volumes prismáticos, dois maiores e um terceiro formando uma ponta. A planta do conjunto corresponde exatamente as ruínas reveladas na década de 70, que facilita ao visitante dimensionar e imaginar as dimensões e formas da antiga construção. Internamente encontra-se uma passarela metálica elevada que atravessa o edifício longitudinalmente.



Figura 1: *Shelters for Roman Archaeological site*, Peter Zumthor, 1986. Fonte: autora

Zumthor optou pelo desenho de uma pele envoltória composta por ripas de madeira articuladas para possibilitar a entrada de luz e ventilação, elementos necessários para a preservação das relíquias históricas. Inseriu em cada uma das fachadas dos dois blocos maiores, janelas que se projetam para fora das caixas de madeira, permitindo a visualização pelos transeuntes do espaço interno e das escavações. A simplicidade das soluções adotadas constrói o acolhimento sem ostentação e a constatação de que não é o edifício a principal atração, mas sim, o sítio arqueológico.

O conjunto cria uma presença volumétrica no espaço urbano. À noite, os transeuntes podem ligar as luzes internas, fazendo com que o *Shelters* pareça uma lanterna na paisagem urbana. A madeira, utilizada com frequência nas construções vernaculares alpinas, é aqui utilizada na forma de lamelas de madeira maciça sobrepostas horizontalmente com uma pequena inclinação e, estruturadas uma a uma em requadros verticais de madeira, também maciça. Esses painéis são apoiados por elementos modulares metálicos afixados em pilares e vigas de madeira. Todo o conjunto é estruturado em fundações de

concreto que percorrem o edifício em sentido paralelo às ruínas de pedra. Para a cobertura, foram projetadas três claraboias metálicas, em formato losangular, que permitem a entrada de luz e a visualização do céu.



Figura 2: *Shelters for Roman Archaeological site*, Peter Zumthor, 1986. Fonte: autora

Para a visita foi necessária a retirada da chave da porta que dava acesso ao edifício no *Information Desk* da estação de trem, mediante um depósito de 50 francos suíços, que seriam estornados no ato de devolução das chaves, por conta de o museu não ter pessoal fixo.

A caminhada às ruínas em um dia chuvoso e frio, com a chave de acesso em mãos, criou uma expectativa e um certo desconforto, que de alguma forma se prolongou ao longo da visita. As frestas entre as madeiras permitiam que o frio e a umidade penetrassem no interior da edificação, e a fraca luz natural daquele dia resultou em um espaço um tanto quanto sombrio. Da mesma forma que causou um desconforto, essa situação também despertou sensações e percepções emocionais, criando uma atmosfera resultante de um

espaço que se comunica com o usuário, uma edificação que opera como uma membrana envolvente e com os materiais em conjunto que respondem a ela.



Figura 3: Shelters for Roman Archaeological site, Peter Zumthor, 1986

Fonte: autora

O *genius loci* (gênio do lugar) a todo tempo é percebido nas ruínas em pedra, nos restos de um piso de madeira carbonizado, nos objetos expostos em vitrines de vidro, bem como no fragmento remontado de uma pintura de parede que representa Mercúrio, o deus do comércio e dos ladrões, transforma o espaço com piso em terra batida, em um lugar singular. O conjunto arqueológico protegido pelo edifício que se insere na paisagem tornou a visita única e especial.



Figura 4: Shelters for Roman Archaeological site, Peter Zumthor, 1986. Fonte: autora

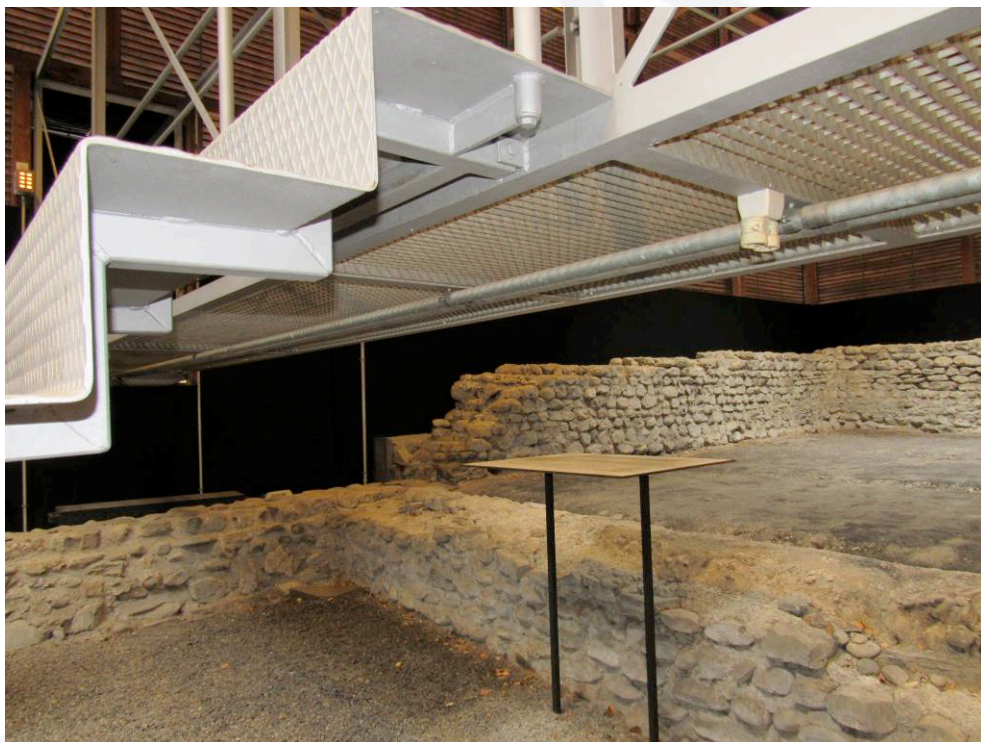


Figura 5: Shelters for Roman Archaeological site, Peter Zumthor, 1986. Fonte: autora

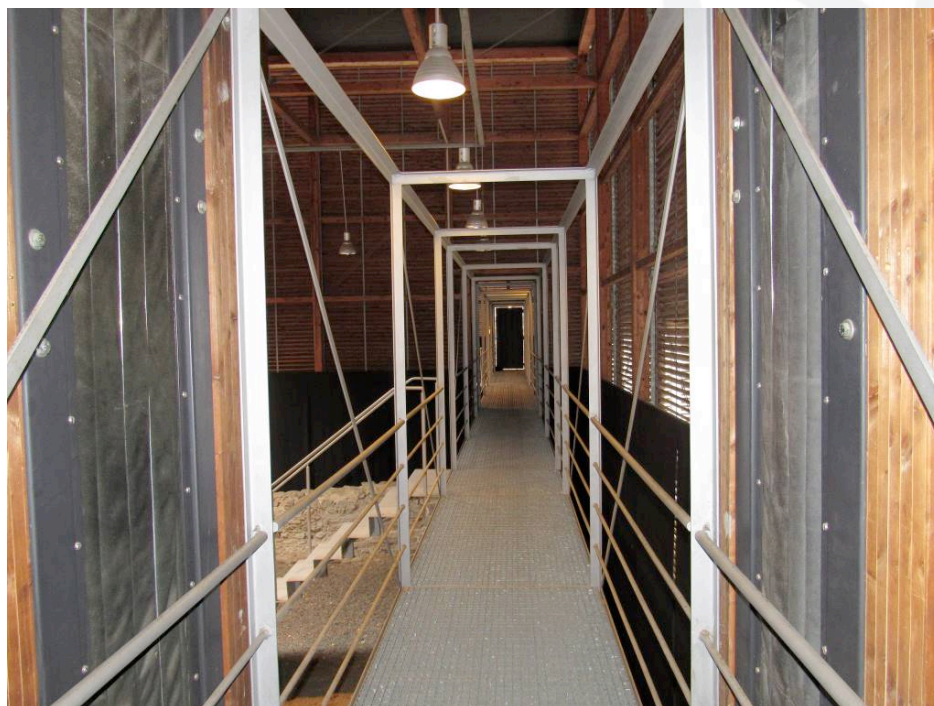


Figura 6: *Shelters for Roman Archaeological site*, Peter Zumthor, 1986. Fonte: autora

Shelters for Roman instiga a reflexão do projeto arquitetônico como meio de explicitação dos significados encontrados no ambiente dado. Nesse sentido é importante considerar a relação do indivíduo com o entorno, com o ambiente natural e com o construído. Por esse ângulo, a implantação do edifício resultará num ato de demarcação ou diferenciação da paisagem.

A identificação do homem com o lugar tem como narrativa a sua relação com determinado ambiente que é entendido como portador de um significado, como uma correspondência entre o mundo externo e o interno, entre corpo e alma, como base do sentimento de pertencer. Os objetos de identificação podem ser percebidos como propriedades concretas do ambiente e como identidade do lugar em função de sistemas de pensamentos. Essa identificação com o lugar opera como ponto central na apropriação arquitetônica, implicando num processo de tradução e discussão da linguagem da arquitetura.

CAMADAS DO LUGAR

Considerando a materialidade constata-se a partir da análise do projeto de Zumthor, pelo viés da fenomenologia, que a identidade do sujeito com a identidade do lugar se dá a partir de um retorno às coisas em oposição às abstrações e construções mentais e faz duras críticas à construção de ambientes desprovidos de significado e que não estabeleçam relação com o usuário. Aproxima a arquitetura e a cidade do conceito heideggeriano de habitar – estar em paz num lugar protegido – defendendo uma análise fenomenológica sobre o objeto do projeto arquitetônico e a sua relação com o ambiente circundante, que constrói lugares fundamentados no próprio caráter do ser existencial.

Para tal compreensão e significação, nos aprofundaremos sobre o protagonismo da construção do lugar e do *genius loci* na arquitetura. Essa reflexão se dará por meio do entendimento da relação do indivíduo com o entorno, com o ambiente natural e com o construído; de como cada um percebe os edifícios, lugares e cidades. Por esse ângulo, a implantação do edifício resultará num ato de demarcação ou diferenciação da paisagem.

Proteger e conservar o *genius loci* implica concretizar sua essência em contextos históricos sempre novos. Poderíamos dizer também que a história de um lugar deveria ser sua *autorrealização*. O que, a princípio, era simples possibilidade, é revelado pela ação humana, iluminado e conservado em obras de arquitetura que são ao mesmo tempo velhas e novas. Assim sendo, o lugar comporta propriedades que têm um grau variável de invariância. (Nesbitt, 2008, p. 454).

O fato de a construção ser apreendida pelo espírito do lugar cria uma dialética entendida por Norberg-Schulz como um processo de partida e retorno. Essa dinâmica se dá em um fluxo contínuo de associações e ressignificações nas quais certas características são preservadas, algumas importadas e outras exportadas por meio de transferências, traduções e transposições. (Norberg-Schulz, 1971).

O entendimento desse mecanismo é vital para a reflexão dos conceitos de continuidade e mudança defendidos por ele. Em sua narrativa sobre o *genius loci* o filósofo descreve como fundamental: a visualização e compreensão do ambiente natural, a complementação do que falta no ambiente dado e a simbolização do real como ferramenta para uma arquitetura que não esteja comprometida simplesmente com a reprodução do existente, mas, sim, com a criação de algo novo e diferente. Essa correspondência se dá a partir da experimentação e comunicação. Nesse sentido, o edifício também pode ser entendido como algo que está em relação com o entorno construído.

Para dar luz a essa reflexão, pensemos no sítio arqueológico *Shelters for Roman* como a estrutura de um lugar que resulta da relação entre o edifício e o caráter do *site* – efêmero e original – em que está implantado. A construção corresponde à organização do espaço tridimensional de madeira que compõe o lugar e ao caráter do ambiente, a propriedade que denota o conceito de atmosfera, percebida de maneira difusa e periférica, e não por uma observação precisa e consciente. A somatória desses dois conceitos pode ser entendida como espaço vivido. De acordo com Heidegger: *O mundo a qualquer momento revela a espacialidade do espaço que lhe pertence*. (Heidegger in Norberg-Schulz, 1972, p.34, nossa tradução).

Agrada-me a forma como Zumthor abordou o tema na palestra da Universidade de Tel Aviv, ministrada em 2013.

Você sempre constrói em um lugar. Uma possibilidade é a de impor seu próprio estilo onde quer que você vá. A outra possibilidade é a de que o local te inspire a fazer algo especial. Eu pertenço à segunda categoria. Eu vejo o site como uma fonte de inspiração e meu desejo é criar algo que corresponda a ele.

O projeto do sítio arqueológico atua como meio de explicitação dos significados encontrados no ambiente dado. Interessa a meu ver, analisar o sentido do lugar natural e do lugar criado. O arquiteto coloca como propósito da arquitetura a construção de um sítio que seja transformado em um lugar, isto é, revele os significados presentes no ambiente dado. Para tanto, Norberg-Schulz coloca como elementos do ambiente criado pelo homem, em primeiro

lugar, os assentamentos de diferentes escalas, das casas às fazendas, das aldeias às cidades. E, em segundo lugar, os caminhos que os conectam, além de outros elementos que transformam a natureza em paisagem cultural. E afirma:

As casas particulares, as aldeias, as cidades são construções que reúnem dentro delas e em torno delas esse entre multiforme. As construções trazem a terra, como paisagem habitada, para perto do homem e, ao mesmo tempo, situam a intimidade da vizinhança sob a vastidão do céu. (Nesbitt, 2008, p.448).

Nesse sentido, a estrutura do lugar se revela em conjuntos ambientais que incluem: o espaço, como sistema de relações, indicado por preposições: acima, abaixo, antes, atrás, de, além das que indicam relações topológicas; o caráter, indicado por adjetivos e peculiaridades: áridas, férteis, ameaçadoras, naturais e, finalmente, os lugares, denominados por: países, regiões, paisagens, assentamentos, construções, entre outros. (Nesbitt, 2008).

CONCLUSÃO

Procurou-se refletir aqui, sobre a identificação do homem com o lugar e a cidade, a partir, de sua relação com determinado ambiente entendido, como portador de um significado. Isso se dá na correspondência entre o mundo externo e o interno, entre o corpo e a alma e no sentimento de pertencer. Adotou-se como chave de reflexão o conceito de Gernot Böhme sobre atmosfera. Para o filósofo, a atmosfera é constituída por um conjunto de características indeterminadas e distribuídas pelo espaço que, passam a ser percebidas como propriedades concretas do ambiente. Essa formação opera na percepção corporal do sujeito na construção de um lugar singular.

Para essa narrativa na chave da fenomenologia, elegeu-se, também, os conceitos propostos por Martin Heidegger e Christian Norberg-Schulz. Para esses filósofos o indivíduo relaciona-se com o entorno a partir de suas percepções, memórias e sensações. Essa dinâmica, transforma um edifício ou cidade qualquer em um lugar envolvente que prioriza as coisas que nos

rodeiam. Isso aproxima o sujeito, do lugar, em oposição as abstrações e construções mentais, e, revela significados ao ambiente dado.

O conceito da construção de um lugar singular para o sujeito é determinante na prática do arquiteto suíço Peter Zumthor. Seu projeto para o sítio arqueológico de Chur, *Shelters for Roman*, tomado aqui como referência, explicita essa narrativa no sentido em que lá encontramos um espaço sintonizado, construído a partir da atmosfera obtida na relação entre as ruínas, o edifício e as propriedades do local. A atmosfera desse edifício está associada, portanto, às maneiras complexas e sutis com as quais as diferentes coisas encontram-se no espaço e produzem emoções e afetos na nossa relação com o espaço.

A partir do exposto, pode-se considerar que alguns arquitetos e urbanistas fazem uso dos conceitos da fenomenologia e da atmosfera para a construção de lugares singulares, que tragam significados, sensações e criem espaços emocionais. Que promovam a conscientização e a relação corporal com o entorno de uma forma não impositiva, com o intuito, de nos sequestrar do ritmo frenético e alienante de nossos dias.

Pirandello já dizia: *Assim é se lhe parece*.

BIBLIOGRAFIA

Böhme, Gernot. *Atmosphäre*. Frankfurt: Suhrkamp; 1995.

_____. Encountering Atmospheres. A Reflection on the Concept of Atmosphere in the Work of Juhani Pallasmaa and Peter Zumthor. In: OASE#91, *Journal for Architects*, v. 93; 2014.

Debord, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Lisboa: Mobilis in Mobile; 1997.

Fischer, Ole. Atmospheres, Architectural Spaces between Critical. In: *Field journal*, v. 01; 2007.

Jameson, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática; 1998.

- Heidegger, Martin. Ser e tempo. São Paulo: Vozes; 2014.
- _____. A origem da obra de arte. Lisboa: Edições 70; 1990.
- Lipovetsky, Gilles; Serroy, Jean. A Estetização do mundo - viver na era do Capitalismo Artista. São Paulo: Companhia das Letras; 2014.
- Nesbitt, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica, 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify; 2008.
- Norberg-Schulz, Christian. Existence, Space and Architecture. Londres: Cox and Wyman; 1972.
- Pallasmaa, Juhani; Alvarado, Rodrigo G. Tocando el Mundo: espacio vivencial, visión y hapticidade. In: Arquitecturas del Sul v. 27 n. 36. Concepción; 2009.
- Zevi, Bruno. Saber Ver a Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes; 2000.
- _____. História da Arquitetura Moderna, vol II. Lisboa: Arcadia; 1978.
- Zumthor, Peter. Atmosferas: entornos arquitectonivos-as coisas a mi alrededor. Barcelona: Gustavo Gili; 2006.
- _____. Presence in Architecture, Seven Personal Observations. In: Tel Aviv University; 2013.
- Zumthor, Peter; Durisch, Thomas; Keusch, Beat. Peter Zumthor Therme Vals. Zurique: Verlag Scheidegger; 2014.

CRÉDITO DAS FIGURAS

Figura 1: Shelters for Roman Archaeological site, Peter Zumthor, 1986.
Fonte: autora

Figura 2: Shelters for Roman Archaeological site, Peter Zumthor, 1986.
Fonte: autora

Figura 3: Shelters for Roman Archaeological site, Peter Zumthor, 1986.
Fonte: autora

Figura 4: Shelters for Roman Archaeological site, Peter Zumthor, 1986.
Fonte: autora

Figura 5: Shelters for Roman Archaeological site, Peter Zumthor, 1986.
Fonte: autora

Figura 6: Shelters for Roman Archaeological site, Peter Zumthor, 1986.
Fonte: autora